

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SILVIA HELENA CALCAGNO



RECONSTRUINDO LEITORES

Jaguarão

2016

SILVIA HELENA CALCAGNO

RECONSTRUINDO LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras – Português/Espanhol, da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo

Jaguarão

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C1587r CALCAGNO, SILVIA HELENA
RECONSTRUINDO LEITORES / SILVIA HELENA CALCAGNO.
39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPANHOL E RESPECTIVAS
LITERATURAS, 2016.

"Orientação: Luís Fernando da Rosa Marozo".

1. Mediação. 2. Leitor. 3. Livro impresso. 4. Reconstruir.
I. Título.

SILVIA HELENA CALCAGNO

RECONSTRUINDO LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Letras- Português/
Espanhol, da Universidade Federal do Pampa,
Campus Jaguarão.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 26/08/2016.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Luis Fernando Marozo
Orientador

Licenciatura em Letras – UNIPAMPA



Prof. Dr. Cláudio Renato Moraes da Silva
Instituto de Ciências Humanas e da Informação - FURG



Prof. Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
Licenciatura em Letras – UNIPAMPA

Aos meus filhos, Vitor e Arthur:

Pelo companheirismo, cumplicidade e amor incondicional

o que fez com que eu persistisse em realizar
esse sonho.

AGRADECIMENTO

A **Deus** - incondicionalmente, por ser esse um dos caminhos mais fiel que recorri durante todos esses anos.

Aos **meus filhos** por estarem e permanecerem ao meu lado. Agradeço por eles terem vivenciado muitos momentos em que precisei de colo, tanto quanto eles, por eles terem vibrado comigo nos bons resultados que tive ao longo esta trajetória, e também por eles entenderem meus momentos de ausência em decorrência de estudos ou mesmo da Oficina. Agradeço por eles muitas vezes terem investidos seus papéis, sendo meus pais enquanto eu me tornava sua filha. Muito obrigada **Vitor e Arthur**, está vitória também é de vocês!

Aos **meus pais** e aos **amigos**, que torceram e incentivaram cada etapa deste sonho!

Em especial ao meu orientador **Luis Fernando da Rosa Marozo**, que me incentivou a trazer essa proposta como trabalho de conclusão de curso, me mostrando com convicção e confiança de que ainda há muito para ser feito e refletido para continuar com esta proposta social dentro e fora das comunidades.

Com carinho:

Ao professor **Cláudio Renato Moraes da Silva**, que acreditou na proposta da *Oficina Reconstruindo* trazendo contribuições significativas, reafirmando o grande valor de minha Oficina e seu papel social e humano na informalidade.

Aos professores **Carlos Garcia Rizzon e Leonor Simioni** que me auxiliou a romper as dificuldades ao longo de minha formação. Obrigada por seu carinho empático!

Aos **membros da Comissão Examinadora**, que gentilmente aceitaram o convite de ler e de sugerir alterações para o aprimoramento da minha pesquisa.

A **Todos** que participaram, de algum modo, desta caminhada.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anelo do feliz cantor:
– «Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes – e não falta amor!»

Perfumes e Amor (Casemiro de Abreu)

Os livros são objetos transcendentés
Mas podemos amá-los do amor táctil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lançá-los pra fora das janelas
(Talvez isso nos livre de lançarmo-nos)
Ou – o que é muito pior – por odiarmo-los
Podemos simplesmente escrever um:
Encher de vãs palavras muitas páginas
E de mais confusão as prateleiras

Livros (Caetano Veloso)

RESUMO

Os alicerces que sustentam esta pesquisa estão apoiados na memória de construção e desenvolvimento do projeto *Oficina Reconstruindo* entre concepções e reflexões que fizeram parte desta iniciativa. Assim, o trabalho "Reconstruindo leitores" busca divulgar e ressaltar a importância do livro impresso como suporte importante para a formação de leitores em espaços onde a tecnologia e as escolas não conseguem penetrar. A oficina construiu um percurso no qual sua história teve início antes da realização de suas atividades dentro e fora das comunidades e teve como ápice a construção de uma sede e de uma biblioteca cujo sentido está na ideia itinerante, ou seja, apesar de os livros estarem em um espaço o que o projeto prevê é a presença de mediadores que levem e troquem os livros nas casas e com essa ação produzam diálogos e tornem o livro uma ponte para o encontro. Nesse sentido, esse trabalho de conclusão de curso trata ainda da importância social da mediação e do mediador para a construção de novos leitores e aponta para a continuação desta ação na sequência de minha vida.

Palavras-chave: Mediador; Reconstruir; Leitores; Livros impresso

RESUMEN

La base de sustentación de esta investigación está apoyada en la memoria de construcción y desarrollo del proyecto *Oficina Reconstruyendo* entre concepciones y reflexiones que han hecho parte de esta iniciativa. De este modo, el trabajo “Reconstruyendo lectores” ha buscado difundir y señalar la importancia del libro impreso como soporte importante para la formación de lectores en espacios en que la tecnología y las escuelas no logran llegar. El taller ha construido un camino por lo cual su historia tuvo comienzo antes de la realización de sus actividades dentro y afuera de las comunidades y ha tenido al tope la construcción de una sede y de una biblioteca, por la cual tuvo un sentido viajero, es decir, a pesar de los libros están en un espacio, el proyecto presupone la presencia de mediadores que lleven y cambien los libros en las casa. A partir de esa acción, sean producidos diálogos en que el libro sea el puente. Por lo tanto, este trabajo de conclusión de curso trata aun de la importancia social de la mediación y del mediador para la construcción de nuevos lectores, mientras cree en la continuación de esta acción de mi vida.

Palabras Clave: Mediador; Reconstruir; Lectores; Libro impreso

SUMÁRIO

1	AMPLIAÇÃO DO DIREITO À LEITURA	10
2	BORBOLETA AZUL	15
3	O LIVRO	25
4	A MÃO	30
	LEITURA DIREITO DE TODOS	36
	REFERÊNCIAS	40

1 AMPLIAÇÃO DO DIREITO À LEITURA

Nba época do *Homo sapiens* havia a necessidade de registrar as reflexões, descobertas e emoções. Nesse sentido, as manifestações do ser humano percorreram várias épocas e civilizações e os registros ganharam espaço para novas formas de comunicação simbólicas, entre os quais a escrita teve um papel significativo. Cada grupo criou diferentes formas de escritas no decorrer da história desde a Antiguidade até a Idade Média.

De acordo Milanesi (2013), o registro escrito foi se transformando e passando por diversos suportes, contribuindo na história da comunicação. É possível frisar como marco importante o surgimento dos tipos móveis para a evolução de vida humana, pois com a invenção de Gutemberg, o impresso abarcou um processo que se tornaria mais acessível à disseminação das informações e contribuiria, através da escrita, para a multiplicação e produção de distintas áreas do saber.

Os registros passaram a ser tratados como documentos e produzidos em número cada vez maior, o que gerou a necessidade de organizar essas produções para assim controlar a circulação dos escritos (MILANESI: 2013). É nessa perspectiva que as bibliotecas tornam-se mais numerosas. Entretanto, antes dos tipos móveis, já havia esses espaços de armazenamento de conteúdos que, por vezes, abarcavam registros com vários tipos de materiais. Alguns exemplos de bibliotecas antigas importantes são as de Pérgamo, a da Mesopotâmia e, uma das maiores do mundo antigo, a Biblioteca de Alexandria espaço que reunia os registros em rolos de papiro. Eles eram organizados e produzidos num trabalho exaustivo por escrivães e copistas, cuja função seria multiplicar esses materiais.

Nesse contexto, as bibliotecas tanto reuniam vários temas de diversos autores como também autores específicos e temas peculiares. Eram ambientes que se destinavam a preservar, classificar e reunir os registros do mundo. Porém, havia um controle no conhecimento e no acesso, já que esses espaços na época eram mantidos por imperadores ou compreendidos como bibliotecas oficiais do clero (homens letrados). Por isso, as bibliotecas eram situadas no interior dos conventos ou construídas como templos aos cuidados de guardiões (monges).

No entanto, a evolução da escrita, o advento do papel, o surgimento da tipografia foram mudanças significativas para o aumento e a transição da função das bibliotecas. Tais criações causaram ainda uma revolução nas comunicações e nos novos tempos, porque

começaram a ter necessidade de expansão de acesso ao direito à leitura de caráter público e leigo, dando ao livro uma nova dimensão a partir de sua aceitação. Com a propagação do conhecimento trazido pelo “livro impresso”, as mudanças abarcaram várias dimensões sendo elas: política, religiosa, econômica e também social.

Para Zilberman (2001, p.107) “o livro, enquanto objeto material, não se restringe ao estado de peça indiferente, soma de papel, tinta e cola”, pois para a autora, o livro, quando impresso, passou a ser “um produto economicamente valorizado ganhando proporção financeira e social.” (2001, p.107) Assim, é possível considerar que as mudanças geradas pelo livro impresso em papel trouxeram novas perspectivas e contribuíram significativamente para a modernidade, porque elas possibilitaram a disseminação do conhecimento que antes ficava na mão da monarquia ou do clero.

A partir da possibilidade da impressão dos livros, os acervos em geral, foram acessíveis e possibilitaram que mais pessoas pudessem ter contato com as obras gregas, como também com as latinas, com os textos científicos, com os matemáticos e com os religiosos.

No Brasil, apesar do livro ter chegado pela mão dos jesuítas e de servir de instrumento para catequisar, os textos passaram, aos poucos, a circular legalmente ou clandestinamente, por entre camadas da burguesia e, no século XIX, eles ocupavam lugar de destaque na sociedade. Assim, cada vez mais foi se ampliando e mudando a leitura, conforme a evolução das sociedades seja do pergaminho para o livro impresso; seja das bibliotecas antigas as bibliotecas digitais.

Entretanto, é equivocado pensar que, com as tecnologias e com a modernidade, o acesso à leitura tenha alcançado todas as camadas sociais. A tarefa de formar leitores deve ser de responsabilidade tanto de educadores das diversas disciplinas como também de outros sujeitos sociais que possam colaborar com essa prática, já que a leitura é instrumento de apropriação do conhecimento, ela é ferramenta que permite apreender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino em várias áreas do saber.

Minha atuação como formadora de leitores precede minha entrada na faculdade que teve início como professora. Meu primeiro contato como incentivadora da leitura surgiu inicialmente a partir de minha experiência profissional na cidade de Osório, em 1994. Naquele momento, desempenhava o papel de professora substituta e lecionava no 3º ano do ensino Fundamental. Ministrei aula numa escola que recebeu muitas famílias devido às casas populares construídas ao seu redor. Isto significou uma mudança na realidade escolar daquele

entorno social, porque o que antes era considerada uma escola pequena passaria a ofertar ensino a uma quantidade bem maior de alunos que o esperado para aquele ano.

Naquela ocasião, as professoras da rede municipal eram atendidas por uma equipe de profissionais chamadas “ativadoras”. Esta equipe era constituída de professores especializados na área da educação. Elas elaboravam atividades para contribuir nas salas com os professores na rede local. Assim, as atividades trazidas por estas “ativadoras” passaram a nortear um trabalho que pudesse ir além do atendimento das dificuldades especiais apresentadas pelos alunos. Além disso, elas também ofertavam uma proposta de socialização entre os que estavam chegando à escola.

Dessa forma, foi desenvolvido um projeto pelo qual se pudesse atender a comunidade, possibilitando um maior alcance de alunos e tornando o ambiente escolar uma “Escola Aberta”, nome dado às escolas que, naquele momento, realizavam atividades esportivas e leitoras para a comunidade nos finais de semana.

Essa prática de ativadora, em Osório, durou quatro anos. Em 2002 retornei à Jaguarão e, aqui, participei de ações voluntárias nas quais permanecia com a função de promover a leitura. As ações estavam vinculadas a instituições formais como no projeto CASE (Centro de Atendimento Socioeducativo).

Através dessas primeiras experiências de mediadora em instituições formais, tive a percepção de que não seria possível alcançar o que pretendia. Isso porque, em tais espaços havia uma visão reduzida sobre o livro e sua função social. O conflito existente entre o livro como propriedade e como liberdade fazia com que os alunos o tivessem apenas como um recurso didático e não o explorasse em toda a sua potencialidade como objeto cultural. Desse modo, a burocracia que se faz necessária para a organização de bibliotecas ou outros espaços de leitura limitou e limita ainda nos dias de hoje a circulação dos livros e não permite uma liberdade e uma circulação livre das obras.

Nesse sentido, vi a necessidade de criar um espaço com práticas de leitura e que me desse à liberdade de atuar na comunidade e, por sua vez, que se estendesse a outros grupos sociais dentro e fora dela. Dentro deste contexto que pensei o projeto *Oficina Reconstruindo*, cujas ações tiveram início antes mesmo de sua prática nas ruas, daí a ideia (re)construir, ou seja, as ações resultaram no projeto e não vice-versa e cujas práticas são feitas em tempo permanente, como propõe o verbo no gerúndio.

Assim, nome e a logomarca deram rumo e identidade para o projeto que se consolidou

em 2009, como um espaço livre de incentivo ao ato da leitura, de maneira informal que se utiliza da literatura como instrumento fundamental no desenvolvimento de práticas leitoras. Essa proposta, em forma de projeto, confia na leitura como um elo que liga o ser humano a suas crenças e também a outros valores que passaram a ser conhecidos a cada encontro da *Oficina*. Dessa forma, os atores principais são: leitor, mediador e livro, que passam a construir-se ou desconstruir-se diante de nossos (des)encontros que ampliam as concepções de mundo e do próprio ato da leitura. O encontro entre leitores, mediadores e livros fez com que o ato da leitura se tornasse uma comunicação e permitisse despertar e/ou desvendar um novo olhar em nossas vidas cotidianas e sociais.

É nesse sentido que o logo da *Oficina Reconstruindo* propõe a imagem de uma biblioteca tradicional, uma mão e uma borboleta azul. Estes três ícones representam a dimensão configurada dos livros impressos como elemento físico fundamental para desenvolver a proposta; a figura da mão centralizada, cuja representação remete a busca e o alcance, na medida em que a palma da mão está aberta e encontra-se pousada uma “borboleta” azul que simboliza a transformação, pois faz referência à metamorfose, a mutação que os seres humanos passam ao longo da vida, não só física (crescimento), como social. A borboleta azul é, por muitos, considerada a borboleta da sorte, talvez pelo fato de que quando a pegamos em nossas mãos, elas deixam certa quantidade de pó. Esse pó é constituído de milhares de minúsculas escamas que recobrem as asas das borboletas e que formam desenhos incríveis em suas asas. Portanto, o logo composto pelo livro impresso e a borboleta são ícones que se relacionam tanto pela marca que deixam em nós quanto pela capacidade de transformação; enquanto que a mão seria o elemento mediador de encontro entre a obra e o leitor.

As atividades de mediação ofertadas pela oficina do projeto eram destinadas a todo público e faixa etária, sendo realizadas na sede ou em qualquer lugar fora dela. O projeto, ainda em prática, consiste em proporcionar momentos prazerosos e espontâneos aos seus participantes, priorizando a popularização da literatura. Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso busca retratar a história do projeto *Oficina Reconstruindo*, tratado no capítulo “Ampliação do direito à leitura”; seu interesse por questões como o estímulo e fomento à leitura (principalmente os obstáculos para a formação de leitores) tratado no capítulo “Borboleta Azul”; suas ações (entre elas a formação de uma biblioteca comunitária) tratadas no capítulo “Livros”; e a formação de mediadores (profissionais que estão ligados à

formação de leitores) capítulo “Mão aberta”. Assim a estrutura deste trabalho de conclusão remete ao logotipo do projeto.

Cabe destacar que, as ações praticadas no projeto contribuíram e contribuem na constituição de novos leitores dentro das comunidades, num ambiente em que a leitura apresenta-se como ferramenta didática. Do mesmo modo que essas ações são um processo que visa reconhecer a leitura como ato de lazer e a favor da saúde intelectual, que deve ser desenvolvida desde o princípio da vida dos sujeitos.

Os alicerces que sustentam esta pesquisa estão apoiados na memória de construção e desenvolvimento do projeto *Oficina Reconstruindo*, entre concepções e reflexões que fizeram parte dessa iniciativa que visa ampliar a temática e ressaltar a importância do livro impresso como suporte principal para a realização de suas atividades.

2 BORBOLETA ZUL

Se o livro percorreu um longo caminho para chegar aos dias de hoje, a leitura também mudou consideravelmente na história. Nesse percurso ocorreram mudanças de valores para ambos, seja de poder, seja de disseminação de conhecimento. É importante ressaltar o advento dos tipos móveis que surgiram, com a imprensa de Gutenberg, assim como a disseminação do conhecimento se ampliou e deu nova condição aos leitores e escritores que já não estavam mais sob o domínio social e político.

Isso porque o acesso ao livro proporcionou que as leituras não ficassem somente na mão daqueles que tinham acesso ao mundo letrado, porque elas começaram a percorrer as distâncias (MILANESI: 2013, p.27). Por sua vez, segundo Belo (2002, p.44), ele reforça essa ideia quando afirma que “O estudo do livro impresso, nos seus mais variados aspectos, podia projetar nova luz sobre fenômenos como a transmissão da cultura medieval herdada”.

Sendo assim, o projeto *Oficina Reconstruindo* relaciona-se com essa nova realidade de circulação do livro, na medida em que a leitura não é somente uma questão de preferências pelo suporte e/ou linguagem, mas sim para o acesso. Isso porque o livro impresso, além de trazer contribuições para os novos fenômenos, também é responsável pela propagação das culturas herdadas pelas diversas sociedades. A intenção do projeto é que a leitura do livro atinja uma comunidade na qual o acesso à tecnologia ainda é restrito, o que deixa evidente a importância de sua circulação e aceitação para desenvolver o ato da leitura nas diversas comunidades. Trocando em miúdos, por mais que a tecnologia e acesso ao livro existam, nem todos os leitores tem acesso à tecnologia, que proporciona a leitura em suporte digital.

O projeto *Oficina Reconstruindo* utiliza-se do livro (impresso) para a conscientização dos benefícios do ato da leitura. Tal projeto teve início na exposição no Sindicato Rural de Jaguarão em 2009, quando recebemos de cortesia um estande e ofertamos livros infanto-juvenis e outros materiais, como charges e desenhos feitos pelos colaboradores da oficina, para quem quisesse trocar, ou seja, a ação não tinha fins lucrativos. Esses livros foram arrecadados pela primeira prática do projeto, que foi realizada em setembro de 2008, através da venda de uma rifa, na qual cada número era pago com um livro.

Desde os primeiros livros, o intuito da oficina sempre foi de adquiri-los para promover as atividades de trocas que eram realizadas em feiras, como também em atividade dentro das comunidades, ou quando os livros eram deixados para famílias, ou ainda em outros contextos

que pudessem receber a intenção do projeto.

Inicialmente o acervo do projeto se constituiu de 70 exemplares, entre revistas em quadrinhos, livros de literatura infanto-juvenil, literatura nacional, romances e poesias. Atualmente, o acervo está em torno de 600 exemplares dentro da sede. Entretanto, não possuímos o número de obras que transitaram, uma vez que vários livros já foram doados e deixados por outras ações para leitores em vários núcleos e residências da cidade.

A *oficina* funciona do seguinte modo: o leitor leva um livro em bom estado, seja na sede, seja nos eventos em que a oficina participa e, em uma conversa informal, é discutida a sua leitura e os benefícios desse ato. Em seguida, ele é questionado se há outras pessoas envolvidas com a leitura em sua residência, com a intenção de este leitor propague a iniciativa do estímulo à leitura. Logo, são apresentados os livros que estão disponíveis para a troca e o leitor fica com aquele que lhe convir, pelo tempo que precisar, e poderá novamente trocá-lo assim que desejar.

Os livros do projeto *Oficina Reconstruindo* não possuem qualquer carimbo ou catalogação, já que a ideia é que eles circulem, destituindo todo peso da obrigação de uma leitura rápida e sem sentido. O espaço permite a liberdade de busca, de escolha por suas preferências e de incentivo a continuação dessa corrente de trocas. Nesse sentido, o projeto busca promover espaços de leituras, pois entende que ler é uma conquista, e que a autonomia amplia os horizontes. Isso possibilita ao leitor um processo ativo, tanto no âmbito do que vai ler quanto no âmbito da conscientização da importância que outros também possam ter acesso aos livros.

Por sua vez, sobre os atores centrais destas práticas são eles: os leitores. Os que participam de minha *oficina* são, em geral, pessoas que tem suas concepções de leitura adormecidas, por diversos fatores, ou mesmo porque tiveram experiências negativas dentro da escola, quer dizer, são sujeitos com carência de leitura. Quando esses leitores percebem que há espaços de leituras, como por exemplo, o da Oficina Reconstruindo, eles passam a reconstruir suas visões, tanto no cotidiano como na vida social. Então, eles levam essa reconstrução para todos os seguimentos de suas vidas.

Meus leitores são pessoas comuns, conforme reflexa Milanesi (2013), eles podem surgir em qualquer esfera social, sem distinções apenas com a vontade de ler e conversar. Portanto, não há um perfil específico, com um gênero e faixa de idade fixas. Não há uma receita de funcionamento, mas sim objetivos ligados a um público alvo.

Posso citar com exemplo a leitura da obra “A menina que roubava livros”, Markus Zusak, em que a proposta de trabalho com essa leitura chegou a mim por intermédio da comunidade. Isso porque a opção de trabalhar com essa obra surgiu dos sujeitos leitores e eu, enquanto mediadora, desenvolvi estratégias que pudessem aproximar-me e colocar-me no lugar deles para entender suas necessidade de leitura.

Há outro exemplo diferente de situação de mediação de leitura, em que, em um contexto pessoal meu, estava viajando e precisei ficar na casa de uma família que eu não tinha contato, na zona rural, um pequeno povoado. No momento em que cheguei nessa casa, havia a dona da casa (cozinheira de marmitas) dois filhos (um de 6 anos e outro de 8) e o pai estava na lavoura. Após conversarmos, a mãe comentou que estava com dificuldades em relação à filha maior, porque ela não conseguia ler e todo o contexto. Nesse momento, me apresentei como mediadora de leitura e surgiu a oportunidade de conversar também com a menina, que prontamente me mostrou seus cadernos.

Na ocasião, dei dicas, como, por exemplo, ler gibis, livros infantis, ler em voz alta e ler para a família. Carregava comigo alguns livros que se adequavam a faixa etária da menina, então, já deixei com ela. Nisso o irmão, que ainda não lia, também trouxe seus cadernos, queria que eu ficasse lendo. Por sua vez, a mãe já perguntou se eu não tinha livros de receitas culinárias. Não carregava esses tipos de livros, mas criei uma estratégia para que livros da oficina chegassem até eles em seguida. Como também, dei sugestões para que a mãe fosse mediando a trocas desses livros e histórias com outros, tanto da escola das crianças como do povoado. Esse relato serve para mostrar que a mediação ela se dá por vários contextos, não há prevêê-los. Como também está sujeita a transformar a suas concepções, porque não se tem precisão das muitas esferas sociais que ela pode atingir.

Cabe ressaltar que, não vejo necessidade de trazer a voz dos leitores da oficina para essa pesquisa, porque acredito que essa exposição não vá auxilia-los na mediação, ao contrário, creio que iria inibi-los. Porque o papel principal da oficina e da medição é ampliar a visão deles e não da pesquisa.

O projeto consolida-se como um espaço informal que através do livro impresso incentiva o fortalecimento ao ato da leitura dentro e fora da comunidade. Outra característica dele é servir como uma biblioteca sem paredes, sem uma estrutura sólida, sem os grandes acervos organizados em estantes, mas com referências, partindo de um movimento contínuo de ações em prol do ato da leitura a todos. Dessa forma a *Oficina Reconstruindo* se sustenta

apoiada por escritores, editoras, doações e comunidade.

O projeto possui suas especificidades porque está ligada a contextos distintos de uma sociedade letrada e beneficiada por projetos e instituições escolares. Os espaços, onde transita a oficina, atendem geralmente a um público que não tem acesso à internet ou recursos que poderiam beneficiar o ato da leitura em seu cotidiano. Por esta razão as atividades são contínuas e de muita persistência. Como é necessário lidar com pessoas que possuem pouco acesso à leitura, nem sempre a primeira ou a segunda visita são momentos de conquistas.

Em diversas situações, nem mesmo as portas se abrem para que seja feita a mediação. Por outro lado, há momentos em que, para conquistar os moradores locais, é preciso aceitar um suco, uma água e um pedacinho de bolo. Assim, entre uma conversa e outra, o leitor é conquistado e a conversa torna-se construtiva. Muitas vezes, depois desses momentos de visitas, saio ciente de que levo para minha casa mais conhecimento do que deixei, pois deixo livros em histórias impressas, mas levo histórias e experiências reais, em minha memória.

Para que a leitura surta efeitos é importante o papel do mediador. Compreendo que a mediação passa a ser relevante no compromisso de conquistar atuais e futuros leitores, respeitando o conhecimento e valores socioculturais trazidos por cada um, inclusive incentivando outras pessoas a também se imbuírem da tarefa de mediar leituras nas diferentes comunidades em que atuo.

Uma das primeiras dificuldades de um mediador é superar as possíveis resistências ao ato da leitura e a aproximação para o diálogo. Por isso, é importante entender que a prática de mediar denota um longo tempo e muita paciência para que o futuro leitor adquira a confiança e a credibilidade para sua formação. Assim, o ato da leitura faz com que o sujeito/leitor estabeleça várias atividades intelectuais, tanto em relação à cognição, quanto em relação ao emocional, sensorial e afetivo.

Assim como uma borboleta que no estágio de larva precisa romper com sua forma para adquirir cores e asas; o mediador deve ultrapassar a barreira da resistência e despertar no leitor o interesse, pois é a aproximação que faz com que o leitor transmita sua interação com o texto e exponha a sua reflexão e a sua contestação, o que dará a ele um papel de protagonista na leitura. A diferença é que na nossa prática, de certa forma, tanto o mediador quanto o futuro leitor se transformam.

Esta iniciativa do ato de mediação também foi pensada de modo que colabore para que todas as pessoas envolvidas neste processo compreendam as diversas vozes que se

manifestam socialmente, a partir da leitura; assim como a grande importância das suas vozes enquanto cidadãos críticos e sociais. Isto é uma interação que acontece a partir da reciprocidade entre o interlocutor e o locutor, entre o conhecimento/opiniões.

Dessa forma, a leitura é compreendida como uma atividade que vai além da decodificação, pois serve como uma forma de se inserir e compreender contextos culturais, porque ao ler o texto do outro, o leitor acaba interagindo e se compreendendo no texto. Então, a leitura assume igualmente uma função de conhecimento cultural e de reflexão. Ela tanto expande e quanto compartilha conhecimentos, criando um movimento de mão-dupla, em que os textos passam a significar múltiplas vozes e ampliam da visão do leitor.

Segundo Escarpit (1974) a leitura sempre possuiu uma subjetividade, em que o significado está por vir, o leitor é quem a traz, sem a necessidade de estruturação, porque o significado é atribuído pelo leitor. Trocando em miúdos, é como se o texto não estivesse concluído sem a participação do leitor:

La lectura es también el objeto leído o por leer, en ese momento es el objeto despojado de su materialidad, despojado de lo tangible: es el significado sin el significante, sin su apoyatura; he ahí por qué “el libro no es un objeto como los otros, cuando se le tiene en la mano no se tiene sino papel, el libro está en otra parte. Sin embargo, está también en las páginas y el pensamiento solo, sin el soporte de las palabras impresas, no podría constituir un libro”. (ESCARPÍT, 1974, p.223)

O autor também enfatiza no excerto acima a importância do livro impresso na mão do leitor, da questão da materialidade do livro, do cheiro do papel, da orelha, da folha, das páginas. Quer dizer, de toda constituição palpável do livro impresso e de sua influência sobre o leitor. Estas características são únicas e pertencentes ao suporte de livro impresso.

O mediador serve como aquele que apresenta e proporciona o diálogo com o leitor, do mesmo modo que exerce o papel de construtor de pontes e de confiança entre os sujeitos/leitores, propiciando um ambiente de conversação, no qual a leitura do texto se amplia para o diálogo e para o compartilhamento de experiências. Assim, o trabalho de mediar vai além de ofertar o livro e coloca-lo na mão do leitor, mas também no diálogo e no encorajamento das pessoas para que sintam a vontade de conversar sobre questões que são importantes para elas.

A mediação nem sempre precisa ocorrer em lugares formais ou institucionais como a sala de aula. Ela pode ocorrer em lugares informais como as próprias casas¹ porque oferece

¹ As formas de mediação serão desenvolvidas no capítulo 3.

uma visão mais humanizada do mundo, trabalha a nossa sensibilidade, criatividade, nos educa enquanto ser social e trabalha nossa massa crítica, abrindo nossos horizontes.

Hoje, a *Oficina Reconstruindo* possui uma sede localizada em Jaguarão para encontros e possui momentos de troca de livros, de reflexão, de leituras, de visitas de outras instituições e inclusive atendimento particular ao público com aulas de reforço escolar. Além disso, possui um acervo que procura socializar a informação e o ato da leitura que o livro proporciona e procura ainda ampliar a transmissão de diferentes culturas e aponta para a disseminação do conhecimento.

Sobre a concepção de livro, tanto Milanesi (2013) quanto Belo (2002) explicam que ele é um importante veículo de circulação de informação e objeto cultural, pois serve como recurso manuseável de mensagens emocionais, racionais e até mesmo práticas. Ele pode ser revivido pelo leitor a qualquer momento e lhe surpreender a cada nova interpretação de sentidos.

Santiago (1998), conforme o fragmento abaixo, explica a importância da leitura quando atribui à visão do leitor o significado ao gênero poema como uma resposta sobre a identidade, tanto de grupo como de sociedade:

Dar significado a um poema, ainda que passageiramente, é torna-lo seu, indiciador de uma resposta cultural efêmera/definitiva sobre a *identidade* (grifo do autor) do indivíduo que o lê e do grupo que – pelo mão a mão dos textos e do baseado, pelo boca a boca das conversas e pelo corpo a corpo das transas amorosas – passa assim a existir. (SANTIAGO, 1998, p.14)

Nessa perspectiva, Santiago (1998), atribui ao livro à função de definir e compartilhar a cultura, porque produz o encontro entre o autor e os novos sentidos atribuídos por cada leitor, em suas distintas interpretações e, com o passar do tempo ou mesmo pela interação com outras pessoas, a cultura vai tomando sentido e se configurando. A liberdade desse ato de leitura assume um sentido não mais privado, pois agora o indivíduo passa a ter direito de se comportar como sujeito/leitor e interferir no sentido do livro e da sociedade em que vive. Portanto, é através dos livros e de seu poder de comunicabilidade que o leitor dialogará consigo e com seus conhecimentos de mundo.

Essa ideia é reforçada por Escarpit (1974) para quem o ato de leitura é uma atitude de conhecimento e de autoconhecimento, sobretudo, de atualização do texto:

La lectura no es una operación mecánica en el interior del mensaje que el autor cree emitir; El lector selecciona proyecta su experiencia personal sobre la de la obra, da un sentido nuevo al contenido de pensamiento que le transmite los signos. (ESCARPIT, 1974, p.226)

O leitor assume um papel ativo frente à leitura, dialogando com a suas experiências de vida, como também com a proposta do autor e da cultura, sociedade ao qual está envolvido. Assim, como Santiago (1998), Escarpit também relaciona a leitura à questão da identidade do leitor. Essa importância do livro reforça a necessidade de mais pessoas ter acesso a ele, inclusive aquelas que não tiveram acesso à escola e não possuem acesso à tecnologia.

Nesse sentido, o contexto do projeto *Oficina Reconstruindo*, apesar de reconhecer os vários suportes em que o livro atualmente se encontra tais como os digitais, os conhecidos *E-books*, os áudios-livros; são os livros impressos, que servem de base do projeto.

Na realidade da *Oficina Reconstruindo*, os livros impressos são vistos como um suporte insubstituível, porque eles propiciam aos seus leitores as práticas de leitura a partir da folha impressa. Para Belo (2002) o livro impresso impõe um poder distinto, pois possui um modo característico e único ao seu leitor que é a materialidade tátil.

Dessa maneira é necessário frisar que diante do valor que o projeto *Oficina Reconstruindo* dá ao livro impresso, ele não minimiza outras formas e concepções de leitura, tampouco os veículos digitais e eletrônicos, que contemplam todos os meios e linguagens a favor do ato da leitura. Embora o foco do projeto e desta pesquisa seja a leitura a partir do livro impresso, segundo toda justificativa já dada anteriormente, confio que há a possibilidade de também ofertar um pequeno recurso digital para os leitores que disponibilizam deste acesso, visando atender ao público que contribui para a realização do projeto, como por exemplo, as editoras que fazem doações de livros, como também a divulgação das palestras que realizo sobre o projeto, etc. Este material encontra-se disponível em forma de *blog*: WWW.SILVINHACALCAGNO@BLOGSPOT.COM, página virtual onde os seguidores do projeto acompanham as iniciativas, matérias e outras sugestões de leituras.

O *blog* se faz necessário porque atinge outro público. Além disso, os novos suportes possuem certas características significativas como sua praticidade de uso, suas imagens e sons que deslumbram o leitor numa única tela, entre tantas outras ferramentas que dão autonomia à leitura. Posso citar ainda como exemplo destes recursos a possibilidade de intervir no texto com os comentários ou as alterações, a pesquisa por palavras entre outros tantas ferramentas disponíveis ao leitor e aplicáveis aos suportes digitais.

Portanto, apesar de disponibilizar as práticas de leitura vinculadas aos meios tecnológicos, a oficina concentra no impresso porque pude observar e refletir ao longo desta

pesquisa, a grande massa de pessoas que ainda não possuem esta mesma oportunidade. Então, as mudanças de suporte estão vinculadas a uma questão de acesso não igualitário dos sujeitos. O acesso tecnológico é uma realidade ainda não vivenciada pela totalidade da sociedade, visto que a internet ainda não é ofertada para todas as famílias. Sendo assim, considero o livro impresso como uma ponte de maior alcance aos leitores.

O livro impresso não visa uma estrutura estática, em que os leitores e ou interessados tenham que vir até mim. Sou eu que circulo pela comunidade tentando dialogar e oferecer as leituras às pessoas em suas residências. A intenção é disponibilizar gratuitamente os livros a fim de que as pessoas, de qualquer ponto da cidade ou fora dela, possam lê-los ou trocá-los com familiares, amigos e conhecidos. Nesse sentido, essa ação visa uma continuidade, pois espera que outros continuem lendo e trocando experiências o que, conseqüentemente, resultará na consciência de que a leitura tem sua função social e pode ser exercida por qualquer um de nós.

É fundamental ressaltar que o projeto não possui vínculos institucionais e como vivemos em uma cultura consumista, o trabalho torna-se árduo, porque precisa antes de tudo conquistar a “credibilidade emocional” das pessoas. Uma das principais dúvidas que esbarram na sua aceitação é por que criar um projeto sem fins lucrativos? E o que consiste em se propor um trabalho colaborativo de mediação de leitura? É necessário, para muitas pessoas, que as respostas para estas perguntas acima atendam a um retorno lucrativo e financeiro. O não gosto pela leitura e a falta de incentivo a esse ato afastam as pessoas dos livros e deixam esse caminho cada vez mais difícil para a conquista de novos leitores.

Ao levar em consideração a informalidade de meu projeto, já que a intenção dele é compreender os espaços não formais, ele passa a atender de forma colaborativa e de forma itinerante, na conquista de novos leitores com a mediação que se configura em causar manifestação (continuidade da prática por outra pessoa) dentro das famílias e comunidades. Entendendo que toda pessoa pode ser mediadora nesse processo de incentivo e colaboração, é possível dar continuidade a partir da primeira visita ou de outros encontros, onde os primeiros livros passam a ser um passaporte inicial dessa prática no contexto familiar ou de comunidade.

A continuidade dessa prática se baseia em um dos conceitos de mediador citado, “Mediador não comprometido com um sistema formal de ensino, articulado com missões sociais relevantes em várias áreas: educação, direito, saúde, vida social, família, comunidade,

valores. (LINHARES, S/D)”. Por esta razão o livro possui a poder de circulação própria, pois é de mão em mão que os livros se apresentam e chegam até esses novos leitores.

Isso tudo através do envolvimento e da manifestação que essa mediação propõe, já que não basta apenas ler, mas também estar integrado com outras pessoas para abstrair o conhecimento sobre os mais diversos assuntos. Em um movimento entre um livro e outro passam além da experiência da leitura, outras experiências e conhecimentos que cada um carrega consigo e sua leitura de vida. Construindo a partir do saber que cada um tem, tornando assim a possibilidade de se sentir capazes de opinar, criticar e interagir como todos. As desigualdades atuais ainda são vigentes na sociedade o que por vários aspectos excluem e afastam as pessoas do direito do conhecimento, da convivência e integração social do meio que vivem, porque a pobreza limita o cidadão que passa a ter como prioridade e única forma do saber o trabalho. Na citação abaixo podemos averiguar outros aspectos primordiais que afetam a população tornando os cidadãos desiguais:

Se a distribuição de riquezas materiais é injusta, mais ainda é a impossibilidade de acesso à informação – esta que seria o instrumento mais poderoso para superar as condições que tornam os homens desiguais. Excluir a informação das necessidades básicas – vista às vezes como inútil ou perigosa – é cortar pela raiz um direito sem o qual os indivíduos perdem outros. (MILANESI, 2013.p.106)

E assim vivo nessa trajetória, confiando, respeitando e acreditando cada vez mais nas pessoas que constroem suas vidas em diversos contextos e transformam as dificuldades em força e fé. São pessoas comuns que vivem numa luta a cada dia, seja para criar seus filhos, seja para cuidar de seus companheiros, seja para enfrentar um trabalho que nem sempre corresponde a suas necessidades básicas; então através de seus depoimentos, de suas falas casuais é possível perceber de fato que muitas vezes as palavras, às informações não chegam a tempo de dá-lhes condições melhores de vida. Dessa forma, é possível perceber um público excluído, que esta longe da informação, mas que, igual aos outros privilegiados, também precisa desse acesso. Esse sujeito é entendido como homem comum como podemos ver abaixo segundo o autor:

Descobre-se que se está falando do homem comum, o mais comum, esse se encontra nas ruas, nas fábricas, as donas de casa, os que não têm roça para trabalhar, os profissionais liberais e os milhões que não podem pagar esses profissionais, as crianças sem escolas e os adolescentes sem trabalho, os velhos que envelhecem mais depressa porque ainda trabalham muito e aqueles que podendo trabalhar não o fazem porque são velhos, uma parte significativa está encarcerada e outra, bem maior, que não está trabalhando porque não consegue emprego. (MILANESI, 2013.p.74)

Assim, através da mediação de leitura, utilizo da literatura como ponte para o dialogo,

de forma a encorajar e reanimar as pessoas à leitura e ao contato com os livros, porque acredito na possibilidade dos livros criarem novos sentidos para nossas vidas e estabelecer alegria com seus benefícios que ultrapassam o mundo físico.

3 O LIVRO

O projeto *Oficina Reconstruindo* dá-se oficialmente a partir de 2009, mas suas ações ocorrem anteriormente, porque são essas ações que constroem o projeto e não vice-versa. Esta é uma importante constatação e reforça a ideia do título “reconstruindo”, pois o projeto surgiu desde minha experiência profissional em Osório² e se construiu no processo e na necessidade de atingir outros objetivos.

Desde 2004, foram realizadas participações em eventos, como em mateadas, que ocorriam ao final de cada ano, em feiras no Sindicato Rural e em outras oportunidades de encontros. Nessas oportunidades, a *Oficina Reconstruindo* possibilitava o acesso do livro aos leitores e procurava que estes tivessem uma relação afetiva com o objeto e que a leitura tivesse papel de reflexão, como uma viagem ou como uma experiência particular. Além de desenvolver as ações do projeto como a atividade de troca, esses momentos também eram encontros para sociabilizar a proposta e ampliar as relações, ou seja, eram nessas ações que havia o encontro entre a divulgação e conscientização da importância do ato da leitura.

Apesar de o projeto ter como objetivo ampliar a leitura dentro de comunidades, nas quais o livro era menos acessível, ele também atuava como mediador e fazia outras ações que envolvessem públicos distintos, que norteasse experiências. Nesse sentido, o trabalho voluntário em instituições públicas foi uma iniciativa que agregou ao projeto novas práticas leitoras, e um importante valor para o livro impresso, pois teve que se adaptar aos contextos sociais de cada instituição.

Em 2004, por exemplo, com o apoio da coordenadora do projeto social CASE³, organizei, voluntariamente, um espaço de leitura intitulado “Biblioteca do CASE”. Na época, o espaço contou com livros arrecadados por pessoas que tinham vínculo com aquela instituição. Então, foi possível organizar um espaço de leitura para as crianças e os adolescentes em situação de risco. O projeto CASE acolhia um público de 7 aos 18 anos em horários inversos da escola. Na sede, os alunos recebiam alimentação, assistência psicológica, palestras sobre temas selecionados pela equipe pedagógica, como também participavam de oficinas de costura, desenhos, marcenaria e aulas de culinária, em que eles produziam

² Conforme foi exposto na Introdução, na página 11.

³ CASE é a sigla de Centro de Atendimento Socioeducativo.

alimentos como biscoitos, bolos.

O projeto CASE também precisava possuir um espaço para o reforço escolar dos alunos, já que muitos deles não possuíam assistência em suas casas. Esses alunos vinham de contextos marginalizados e, quando chegavam ao CASE, sentiam-se sozinhos, com dificuldade de adaptação e comunicação, pois muitas vezes eram retirados de situações de risco. A integração social desse espaço precisava também ser pensada de forma especial, porque seus grupos eram organizados por idade e sexo, mas, muitas vezes todos, os alunos se encontravam. Esses momentos aconteciam principalmente na hora das refeições e também nas atividades de esporte. Assim, meninos e meninas compartilhavam do mesmo espaço, monitorados por profissionais que constituíam a equipe do projeto. A maioria não dormia na sede, mas alguns adolescentes precisavam pernoitar durante um período sobre os cuidados de uma monitora.

A proposta em promover o incentivo à leitura nesse local se desenvolveu primeiramente em criar condições de integração ao grupo, respeitando o processo de adaptação desses alunos, assim como as dificuldades de comunicação que eles apresentavam ao chegar nessa instituição. A criação da “Biblioteca do CASE” possibilitava encontros, conversas, pesquisas e reforços escolares, assim como práticas artísticas como as representações de algumas obras literárias através de peças de teatro.

Nesse sentido, a criação deste espaço buscava (re)significar a relação destes jovens com os livros, porque, para eles, as obras serviam apenas como materiais didáticos. Além disso, antes deste ambiente, a convivência era restrita porque os meninos e as meninas não interagiam e a partir das ações eles começaram confraternizarem juntos. O incentivo a criatividade, proporcionada pelo ato de ler, possibilitou a esse público-alvo uma ampliação da experiência com o livro porque além de servir como suporte para pesquisar, as obras passaram a ser entendidas como caminhos para práticas culturais. Assim, através dos livros a “biblioteca” começou a ser um vínculo para estimular nesses alunos o gosto pela leitura o compartilhamento de ideias a aproximação com seus colegas.

O trabalho no ambiente “BIBLIOTECA” desenvolveu mudanças no cotidiano dos jovens, pois através dos livros e da criação de textos puderam desenvolver autonomia e criar textos (para peças de teatro, fantoches, quadrinhos, desenhos, etc.). As ações eram produzidas tanto pelos alunos, como pelos mediadores e partiam sempre de leituras e de pesquisas. Nesse sentido, é possível considerar que o livro impresso foi uma importante ferramenta para a

sociabilidade, porque passou a desempenhar uma função social e de reforço escolar dentro da Instituição. Os livros passaram a ser manuseados por um público que não possuía acesso e colaborou nesse contexto tanto para atividades escolares como para a cidadania.

Esta prática no CASE durou dois anos. Em 2011, também como mediadora, participei no CRAS (*Centro de Referência de Assistência Social*) como bolsista da Universidade Federal do Pampa, em parceria com a secretaria de cidadania do município de Jaguarão, RS. Naquele momento, o desafio era desenvolver o gosto pela leitura em crianças vindas de famílias desestruturadas pelas drogas, pela fome e pela violência. Eram crianças e jovens de várias comunidades que chegavam agressivos, assustados, carentes; enfim, arredios.

Através da leitura e dos livros, tínhamos encontros para conversas e aos poucos eles tiveram uma convivência melhor dentro e fora do projeto social. O grupo era heterogêneo, pois diferente do CASE, no CRAS era necessário ficar com todos reunidos, ou seja, crianças de 5 a jovens de 18 anos, em um mesmo espaço. Havia brincadeiras e conversas, enfim, resolução de problemas de convivência que aliviavam as dores emocionais através das histórias apresentadas em práticas diárias. O cuidado com os livros, com os colegas foi fluindo na convivência e o espaço se transformando. Esse trabalho permaneceu até o fim do período do meu estágio remunerado, e os livros trouxeram o carinho para este ambiente de encontro.

Em um ambiente de alegria e segurança o desafio foi se tornando constante, porque o centro de referência socioeducativo recebia crianças ou adolescentes quase que diariamente. Ficávamos todos juntos, o que muitas vezes dificultava as atividades, mas em outros momentos a diferença de idade tornava o trabalho coletivo de mais valia, pois os pequenos eram ajudados e incentivados pelos maiores a realizar a proposta de sala, despertando a curiosidade e oportunizando o surgimento de novas ideias, reforçando os conceitos de respeito ao que é do outro, ou seja, cooperação e coleguismo. Acredito que a atuação no CRAS foi um dos trabalhos mais gratificantes e que com ele trouxe mais esperança e crença no meu papel de mediadora, pois percebi que a leitura aliada a um conjunto de profissionais de assistência como psicólogos, pedagogos, assistente social pode transformar a vida.

Outra prática significativa foi minha experiência como professora alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado (PBA)⁴. As aulas eram realizadas três vezes por semana, dentro da sede da *Oficina Reconstruindo*, entre os períodos de 2009 a 2015, mas esta ação era vinculada, os três primeiros anos, à Secretaria Municipal de Jaguarão, sob a orientação e coordenação da Secretaria Municipal de Educação e nos últimos quatro anos pela 5ª CRE (5ª coordenadoria Regional de Educação), de Pelotas.

No ambiente de Brasil Alfabetizado, as leituras foram dando qualidade aos encontros de sala de aula, como mais um recurso de aprendizagem que necessitava um sentido mais amplo, porque os alunos aparentavam receio ao ato de ler. Algumas vezes, eles até chegavam à escola com problemas físicos e/ou emocionais, dificultando as mais simples atividades de letramento. Assim, foi oportunizada aos alunos a percepção da linguagem, pensamento e realidade em um trabalho no qual o ato da leitura se estendeu como momento de lazer entre atividades de escuta.

Essa ação foi norteada pela leitura literária, o que foi uma janela na compreensão do mundo e de si mesmo através da conversação. As visões foram recriadas, assim como a superação de barreiras que persistem nas salas de alfabetização, pela razão que esse público, muitas vezes, tinha visões negativas de suas potencialidades. Essa atividade de leitura davam condições de acolhimento e de troca, porque era possível cada aluno levar consigo um livro impresso e manuseá-lo no lugar de sua preferência.

A intenção era fazer com que os alunos tivessem mais que o conhecimento das letras, mas também o acesso tátil ao objeto para poder pegá-lo, cheirá-lo; enfim, fazer uma leitura autônoma na qual o ato da leitura se expandisse para além do ciclo de formação do Programa Brasil Alfabetizado. A materialidade do livro possibilitava uma recuperação a uma geração que via o livro como algo distante e sacralizado. Era preciso levar em consideração que aquele público vinha de uma geração que não acompanhou essa evolução tecnológica apresentada pela mídia e pela sociedade atual, o que não é também uma escolha pessoal, mas sim por muitas vezes não serem alfabetizados ou não terem escolaridade suficiente para o entendimento do que requer lidar com esses recursos tecnológicos.

Assim, é relevante considerarmos a importância que tem o livro impresso neste

⁴ Programa realizado pelo Ministério da Educação e Cultura desde 2003 é voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos e desenvolvido em todo território nacional com o propósito de despertar o interesse pela continuação da escolaridade, e promover a superação do analfabetismo.

contexto, tanto formal como informal, pois seu acesso promove mais que a capacidade de ler, promove também a cidadania, a educação e a socialização e promoção da leitura. O suporte impresso ainda beneficia públicos excluídos da informação, tendo eles muitas vezes uma visão fragmentada da vida e de suas potencialidades como ser humano.

Assim, a escolha do suporte é designada a partir de sua função. Nesse sentido, a sua dimensão pode ir além do acesso à informação, da sua utilidade material, porque compreende em seu manuseio, a possibilidade social combinada a outras dimensões que requerem o ato da leitura. Em sua estrutura física, o livro possibilita a seus leitores a capacidade de se relacionarem, se conhecerem, como também de melhorarem sua capacidade comunicativa e criativa. O livro possibilita ainda que o leitor se sirva e se dedique do seu modo à leitura, pois o livro é degustado pelo leitor em seu ritmo o que gera autonomia entre o ler, pensar e agir.

É possível refletir sobre as diversas dimensões desse suporte e onde podemos chegar com as práticas leitoras a favor da comunidade, pois é fato que as bibliotecas estão cheias de livros, que as escolas também estão ligadas a programas e projetos a favor de novos leitores. Entretanto, ainda há comunidades em que o acesso é restrito ou ainda pessoas como donas de casa, mães, moradores de rua, pessoas sem funções e sem destinos como adolescentes sem trabalho, idosos que precisam de uma ocupação, enfim, todos que não tem acesso à informação e aos benefícios que ato da leitura pode proporcionar. Por isso a *Oficina Reconstruindo* acredita que seja importante o papel de mediador, dos livros e da circulação desse suporte como benefício de todos.

4 A MÃO

A acessibilidade à leitura compete a toda sociedade, não só dever da escola disseminar a informação. A democratização da informação transcende os muros das escolas, em diferentes segmentos sociais. Fato que também abarca uma cultura que permite comunicar-se, atuar com autonomia em busca de suas escolhas. Isso através de uma relação dinâmica na qual a leitura da palavra pode enriquecer a compreensão tanto do sujeito quanto do mundo que o rodeia.

A modernidade trouxe consigo uma diversidade de profissões que fazem a mediação entre o livro e o leitor. Uma delas é a biblioteconomia (conceituada como ciência que estuda aspectos de grande relevância ao funcionamento de ordem, administração e gestão voltada às bibliotecas como uma área interdisciplinar e multidisciplinar do conhecimento). Apesar de a biblioteconomia ser considerada uma das mais antigas profissões exercidas pelos chamados guardiões (monges) dos grandes templos (bibliotecas) da Idade Média é atualmente que ela possuiu um caráter mais definido.

Com o intuito de realizar atividades relativas à promoção de leitura, com diferentes agentes sociais atuantes, em novembro de 2013, foi organizado o encontro da *Oficina Reconstruindo* com a turma de Biblioteconomia, a convite do professor Dr. Claudio Moraes da Silva da FURG. O projeto recebeu em sua sede os universitários para um momento de troca de experiência e discussões sobre Leitura, práticas e técnicas. Esse grupo na ocasião contou também com a presença da professora Maria Gabriela Segóvia e Julhana F. Seabra, psicóloga, ambas as convidadas contribuíram também ativamente para este momento com suas experiências profissionais.

No primeiro semestre de 2014, novamente a convite do professor Dr. Claudio Moraes da Silva, realizou-se uma oficina e uma palestra no Anfiteatro da FURG, que teve como prática uma atividade geradora de estímulos e pensamentos criativos, em um ambiente de leitura e leitura de mundo. Esses dois momentos qualificaram o encontro, como também possibilitaram a discussão entre as práticas, as técnicas, as estruturas, as teorias e tantas outras ramificações que fazem parte da área da biblioteconomia, em um aprendizado constante e sem barreiras. Também ressaltaram a formação técnica, como o humano e o social desses novos profissionais e mediadores de leitura, que de certa forma, se preparam para ouvir e perceber seu público e suas exigências dentro e fora dos ambientes da Biblioteca.

A constituição da biblioteca, que historicamente é reconhecida e marcada por preservar

a memória da humanidade, é uma trajetória ligada ao aparecimento da escrita. Esse fato confere ao livro impresso a materialização destes e de outros registros que estão ao alcance de novas e antigas gerações. Sendo assim, entendo que a biblioteca está intimamente relacionada com a questão da leitura, do livro impresso e do leitor, estando como parte formadora destes elos. Hoje, com o número elevado de produções e uma gama enorme de materiais, há uma necessidade da formação de profissionais para lidar com essa enormidade de informações. O bibliotecário pode ocupar funções bem próximas a de um agente mediador, pois visa disseminar a informação a partir de serviços informacionais.

O profissional bibliotecário pode desenvolver atividades que permitam a livre circulação de informação e do conhecimento, para que o leitor possa ter um acesso mais rápido a diversos níveis e suportes físicos. Nessa perspectiva, o bibliotecário organiza e agiliza o material, para que os leitores possam ter acesso ao que lhes convém. Esta profissão ultrapassa a atividade de troca de livros e empréstimos de um acervo bibliográfico. Eles também atendem as novas exigências da sociedade, como as ramificações educacionais, as de lazer e as de informações, entre outras. Por isso, não podemos mais entender esse profissional apenas com um organizador, mas também como um leitor/mediador que ao ordenar as obras ultrapassam o perfil tradicional de sua profissional.

Estas exigências vinculam o livro como instrumento de desenvolvimento da dimensão cultural da leitura e da escrita, ainda que integrado a outros suportes como à mídia digital. Milanesi (2013) defende que a internet e a biblioteca são espaços distintos que podem conviver e atingir públicos e interesses diferentes:

A internet não destrói as bibliotecas, mas pode reforçar o interesse nas informações da vida cotidiana da cidade – o que é um dos objetivos das bibliotecas públicas – as do presente e, certamente, as do futuro. Mesmo que os fenômenos de globalização sejam intensos, o cidadão será da cidade e não do planeta. (MILANESI, 2013, p.109)

Com base na citação acima, compreendo que a internet pode ser uma ponte para a leitura impressa. Ela apenas tem o poder de reforçar a leitura digital para os sujeitos/leitores que tem acesso. Destaco que um suporte não é excludente a outro, eles podem ser utilizados para complementar-se e trazer mais possibilidades de informações ao leitor.

Para Milanesi (2013) apesar de a internet ser um importante instrumento tecnológico que liga o Homem ao mundo, ainda é importante a preocupação com o local, com os espaços “reais” e com contextos de vida de sujeitos/leitores:

Mesmo sendo a internet o mais poderoso instrumento tecnológico de informação

mundial, ao que tudo indica, o “eu” e a “minha cidade” continuam sendo preocupações primeiras. Com toda oferta planetária, buscam-se, antes de tudo, ao que toca o pessoal, que por sua vez, quase sempre está ligado ao local. É no âmbito de sua cidade que estão os elementos que mais interessam ao indivíduo. É nela que ele encontra o seu trabalho, o seu prazer e o seu futuro. Se migrar ou imigrar vai encontrar outra cidade. A internet permite viagens como nunca foi possível, mas os pés estão fincados num solo real, com história e cultura próprias. (MILANESI, 2013, p.108).

As bibliotecas⁵ comunitárias, associações comunitárias, pontos de cultura, podem adquirir responsabilidades na promoção à democracia participativa da leitura e do leitor. Essa é a ideia da *Oficina Reconstruindo* que é uma iniciativa informal, como já dito anteriormente, que tem como objetivo também incentivar as pessoas ao ato da leitura através do acesso ao livro impresso. Uma biblioteca comunitária, desta forma, visa oportunizar encontros e interação em seu espaço de atuação.

Esta situação da biblioteca do projeto ocorre a partir da aproximação das literaturas, sejam elas as mais clássicas ou as mais modernas. Participar de ambientes como o do projeto contribui para uma formação igualitária de acesso e de democratização da leitura. De fato que é um privilégio para muitas pessoas, já que ainda persiste a cultura vinda de raízes históricas que contribuíram na crença popular de que a biblioteca é um ambiente privilegiado de alguns grupos sociais. Como se ela não fosse pensada para a demanda dos menos favorecidos.

Por esta razão, vários aspectos acabam mistificando o fluxo de usuários. É possível citar a questão de localidade, em que, muitas vezes, a única biblioteca aberta à comunidade está localizada no centro das cidades, dificultando o acesso. Outro agravante é a questão econômica que exclui as pessoas com pouco recurso e estudo que, por muitas vezes, não possuem o entendimento do livre acesso a esses ambientes. Estes aspectos norteiam a importância da criação de ambientes que privilegiem o acesso à informação e a cultura local, beneficiando a população.

Desta forma, a biblioteca que está ligada ao projeto da *Oficina Reconstruindo* proporciona a prática leitora no núcleo das comunidades, respeitando suas singularidades. Como defende Battles (2003, p.15) a biblioteca deve adaptar-se ao público leitor e a sociedade local ao qual está constituída porque “cada tipo de biblioteca incorpora certa concepção a respeito da natureza dos livros, na medida em que favorece determinadas funções

⁵ Refiro-me a biblioteca pública da cidade, da escola, acervos particulares, isto é, espaços formais de acesso aos livros.

sociais, culturais ou místicas.”

As Bibliotecas públicas e informais devem contribuir para a superação da utopia de que a leitura está associada a padrões de aplicação e que as instituições formais dão conta de abarcar todos os espaços sociais. A construção de bibliotecas comunitárias serve de importantes instrumentos para formação de novos leitores porque atinge lugares em que o Estado não alcança. Também é necessário ressaltar que os profissionais que atendem esse tipo de biblioteca devem ter um comportamento distinto dos bibliotecários institucionais, porque eles também devem cumprir a função de mediadores e levar os livros até os leitores para vencer a resistência do futuro leitor.

Nesse sentido, a mediação de leitura promove a função social do papel que outros profissionais engajados a esse contexto assumem e a inclusão sociocultural da sociedade. Profissionais e mediadores informais que nessas iniciativas não deverão utilizar-se somente do livro impresso como instrumento de trabalho, mas também discorrer de outras formas na busca pela informação.

Esses espaços de leitura interagem com a diversidade de seu público; adolescentes, crianças, adultos e idosos, estabelecendo relações em um ambiente de troca pessoal e coletiva, que se dá em espaços físicos formais e informais. O importante é promover a discussão e socialização entre as pessoas. Que elas passem a interagir com um mundo dentro e fora de si mesmo. Uma ação de sentido livre e facilitadora de novas experiências como podemos averiguar na citação abaixo:

O livro não é ação que se fecha em si, dessa forma é preciso que haja um ambiente onde seja possível a troca de experiências tanto individual quanto coletiva, essa socialização permite mais do que encontrar apenas uma leitura, mas discutir e propagar entre outras pessoas gerando novas informações, novos cidadãos e assim sucessivamente. (MILANESI 2013.p.102)

Muitos são os motivos que afastam as pessoas desses espaços, a falta de tempo reforça a pressão do cotidiano que se divide em trabalho, a família, os estudos, os cuidados com a casa, o estresse, a alienação, o tédio entre tantos outros motivos que se argumentam para esse distanciamento da leitura como lazer. Embora que haja uma conscientização dos muitos benefícios do ato da leitura em nossas vidas, ainda é um desafio tê-la como prática efetiva. Por isso, a importância de formar mais que leitores, é importante formar mediadores que formarão outros e outros.

A mediação acontece porque antes da técnica há também um compromisso em lidar com a lealdade da proposta. E também com a necessidade em se manter existindo e

colaborando nessa função social. A mediação de leitura não é só ler por ler um texto, é, sobretudo, compartilhar significados; é dar sentido a seu ato de leitura em um processo de bem querer com os livros. Na troca de conhecimento que se recebe em meio ao contato com outras pessoas que saberes e diferenças dialogam.

É importante ressaltar que o projeto não teve início na faculdade⁶, porém o curso ampliou minhas leituras e possibilitou que eu tivesse uma maior reflexão e entendesse melhor essa atuação. Eu era uma mediadora de leitores sem a dimensão social que essa prática poderia adquirir após a minha passagem pelo curso de letras. A formação contribuiu para que eu reflexionasse sobre minha prática e pudesse tanto concordar como discordar do que lia sobre mediação e prática de leitura.

Nos dias de hoje a mediação de leitura e formação do leitor ainda está associada a ambientes institucionais ou a profissionais técnicos. A exigência da técnica é realmente fundamental para dialogar entre teorias e práticas. Entretanto, a mediação aqui se relaciona na conquista de relações estabelecidas, entre o mediador e o que ainda está para ser conhecido do “leitor” (sujeito) numa situação informal. Entendo que os primeiros mediadores de leitura são nossos familiares. Por exemplo, minha vó lendo contos de fadas para mim, mesmo não tendo conhecimento técnico e específico contribuiu para minha formação social.

A mediação se estabelece causando um movimento sem fronteiras e desmistificando a função social da leitura fora de instituições formais, porque uma não se opõe á outra. Não são forças contrárias, mas são ações a meu ver com possibilidades de diálogo.

Do mesmo modo que o bibliotecário pode ser um mediador quando ultrapassar a questão tradicional; o professor também relaciona quase diretamente com o espaço formal da escola, mas pode levar sua contribuição para além dos muros da escola. Hoje compreendo que a sala de aula pode ser uma rua, uma residência, ou em meio a uma conversa informal com amigos, ou seja, em qualquer lugar onde tenha quem queira aprender.

Em minha Licenciatura, percebi que não me encaixava quando buscava respostas objetivas e diretas, porque trabalhar com a leitura na comunidade, longe de barreiras estruturais e burocráticas, me torna ciente a cada dia de novas realidades. Percebo que o mediador ultrapassa qualquer teoria ou prática que lide de forma sistemática, enrijecida com a leitura e sua mediação. Nem sempre sabemos o que vamos encontrar, nem mesmo temos

⁶ Ele teve início com minha prática de “ativadora”.

pronto cada gesto e palavra a ser compartilhada. A única certeza é o encontro, mas a história somente saberá no tempo de abrir o “livro” ou as “portas” que o projeto *Oficina Reconstruindo* se possibilita a bater.

Nesse caso, a biblioteca que faz parte do projeto tem um papel fundamental como espaço do saber. Ela é mantida pela doação constante e pela conscientização de seus colaboradores. São as doações de livros que fazem com que o projeto tenha circulação porque eles passam de mãos em mãos num constante movimento entre “dar” e “receber”. Os livros não precisam de estantes fixas, pois todos somos donos, eles circulam e não possuem endereço. Eles são percebidos como instrumentos de diálogo e construção, em que a generosidade de ler é compartilhada com a generosidade de passá-los adiante. É preciso trabalhar os benefícios que nos é adquirido pela leitura e o quanto é importante compartilhar o conhecimento. Somos mediadores ativos enquanto desejarmos ao “outro” o mesmo bem que recebemos.

O professor é antes de tudo um mediador e eu espero continuar mediando à leitura para o desenvolvimento e para a circulação de livros nos lugares mais inusitados. Nesse sentido, a minha sala de aula será onde houver textos e leitores. O interesse será aproximar as pessoas em diversos contextos, tornando-as mais autônomas em suas percepções de vida e de mundo.

Se entendermos que o profissional das letras lida com o texto é com a linguagem, oportunizar o acesso a livros a aqueles que não têm acesso é um ramo necessário da prática do profissional de letras. Ocorre que a interação através da linguagem é necessária para os sujeitos se fazerem entender e a leitura possibilita a prática de contestar e de desenvolver o senso crítico. Desta forma, a continuação do projeto possibilita, em contextos informais, que mais pessoas absorvam as palavras e os sentidos e possam ouvir e falar como “sujeito” que se envolve nessa ação.

LEITURA DIREITO DE TODOS

A promoção da leitura é um dever que deve ser articulado pelos estados e órgãos competentes como sendo um direito básico da população, já que a leitura é uma aquisição necessária a todos os indivíduos e contribui para o desenvolvimento do cidadão, pois facilita sua percepção de vida. O leitor crítico se apropria do mundo e ajuda a criar outras formas de ver e atuar socialmente; em outras palavras, exerce seu papel de cidadão de maneira mais ativa.

Apesar de haver políticas expressas na forma da lei que contribuem com a leitura, como é o caso das políticas do livro, leitura e bibliotecas, em que produzem ações específicas e apoiam, por meio de programas governamentais, instituições e projetos em seminários, qualificações e em recebimento de recursos para a formação de profissionais, tais ações estão inseridas em contextos formais e compreendidas dentro do planejamento institucionais para suas execuções. Um exemplo disso é a Biblioteca Pública como instituição que representa na sua concepção um papel importante na disseminação da informação para diversos segmentos da sociedade e a biblioteca escolar que também compreende outra dimensão como colaboradora da educação. Ocorre que ainda há espaços nos quais a leitura não chega e onde as pessoas ainda estão distantes de receber esse direito básico. É nessa direção que o Projeto *Oficina Reconstruindo* procura caminhar, ou seja, promover e ampliar a prática tanto de leitores como de futuros mediadores de leitura.

Embora esses ambientes formais priorizem a promoção de leitores não compete exclusivamente às instituições públicas a ampliação do direito à leitura, já que ainda há demandas e pessoas que estão sem o acesso à informação e aos livros, porque ocupam espaços que não possuem acesso à internet ou por questões sociais estão ilhados e excluídos dos sistemas públicos de educação.

Assim, outras iniciativas, além das formais, devem constituir a mediação da leitura. Tais iniciativas devem ser planejadas e atuar de modo informal para atender crianças, jovens e adultos em diversos segmentos sociais. É notório que o discurso predominante é que a tecnologia está acessível a todos e que vivemos em uma aldeia global. Entretanto, a experiência como o projeto *Oficina Reconstruindo* me ensinou que são necessários ainda os projetos informais e que tais projetos não são compreendidos e aceitos com suas dimensões pelos poderes governamentais. Então a dificuldade se estabelece tanto pelo acesso a recursos

para aplicações e para continuidade das práticas como também pela capacidade de reconhecimento, pois há sempre a eminência de apresentar números ou dados que enrijecessem as ações.

É importante que instituições públicas, privadas e Universidades abordem a dimensão da leitura em ações nas comunidades e promovam a formação de mediadores que tenham em mente a socialização da leitura como uma ação cotidiana. Ocorre que muitos profissionais como professores e bibliotecários têm em mente que para exercer sua profissão devam estar vinculados a espaços sociais e não entendem que possam considerar outros espaços de atuação. Para isso é preciso entender que esses novos espaços, como uma tipologia de biblioteca (sem paredes), exige novos desafios e constituem novas funções sociais.

Nesse sentido, essa pesquisa me fez refletir e identificar vários aspectos importantes que abordam o tema “Reconstruindo Leitores”. Assim como refletir sobre outras concepções que promovam a ampliação do direito à leitura, e a própria proposta da *Oficina Reconstruindo* e suas especificidades quanto projeto informal. Embora a ampliação do direito à leitura deva ser priorizada em ambientes formais, não compete exclusivamente ao Estado tratar da formação de leitores. Em diversas comunidades existem contextos que precisam ser reservados o direito à educação. São os casos das donas de casa, dos idosos, dos jovens e adultos desprovidos de direitos básicos e cujo livro está em uma escala insignificante porque lhes faltam aspectos mais básicos para a sobrevivência como comida e agasalho. Acredito, no entanto, que junto dessas questões básicas está o acesso à leitura porque o livro pode ser o elemento de conscientização social e instrumento de luta para a conquista de direitos, ou seja, de integração social e conquista de dignidade. É por isso que compreendo a necessidade de refletirmos sobre o processo de mediação-leitura-comunidade, ampliando o direito à leitura, com a formação de profissionais mediadores e formação de leitores como uma ação prioritária.

Essas novas percepções devem ser compreendidas dentro de uma prática social que se caracteriza pela leitura da palavra, seja por suportes tradicionais ou digitais, num constante processo de descobertas, entendimentos e transformações em contextos específicos. A formação de novos leitores necessita um trabalho coletivo e tem a partir da mediação de leitura a intenção de ampliar direitos, assim como melhorar construir a relação social desses locais, onde passam esses leitores-cidadãos a se manifestarem por meio de diálogo e do acesso aos livros e à leitura.

É nessa proposta que o presente trabalho de conclusão de curso trouxe a história da construção da *Oficina Reconstruindo*. Tal projeto é apresentado a fim de fomentar alternativas de inclusão social que informalmente estão ganhando espaços e que precisam ser pensadas. Essa iniciativa traz o suporte impresso como ferramenta importante na promoção e ampliação do direito à leitura, mas não exclui o papel da tecnologia apenas aponta um caminho para um público que não possui acesso ao meio digital.

A ideia é estender esta proposta a outras pessoas e demonstrar a necessidade de trabalhar a leitura como uma prática social. Talvez esse trabalho de conclusão seja uma maneira de incentivar o papel que projetos não institucionais têm sobre uma questão tão importante como é a leitura. Para que isso ocorra é relevante destacar a função da mediação e do papel do mediador nessa tarefa social. A função das instituições talvez seja a de formar outros mediadores para que as práticas de leitura se socializem e contribuam para o desenvolvimento sociocultural dos novos leitores.

O projeto *Oficina Reconstruindo* é uma ação inclusiva entre outras iniciativas existentes, mas ainda são necessárias mais ações que atuem através da mediação e desenvolvam as potencialidades de cidadãos-leitores para que eles reconheçam o poder construtivo exercido pelo ato da leitura em suas vidas. Essa noção transformadora que a leitura agrega em nossas concepções foram também sendo vivenciadas por mim e pela escrita desse trabalho de conclusão de curso, porque ao compartilhar ideias, refletir sobre as leituras e passa-las para o papel, percebi o quanto nos transformamos com a leitura e nos reconstruímos.

Portanto, a escrita deste trabalho ampliou meu olhar sobre o próprio projeto e me fez refletir sobre as concepções que já praticava, mas não me dava conta, porque não tinha a dimensão que essa ação pode e deve ser compartilhada e praticada por mais pessoas. Antes da escrita não reconhecia o potencial do projeto, por isso percebi que eu também me reconstruí ao escrever este texto. Agora entendo que, ao mesmo tempo em que esse projeto necessitava de liberdade para exercer sua proposta também necessita de liberdade para que outras pessoas possam de sua maneira construir novas propostas para atingir outros públicos. A *Oficina Reconstruindo* em sua caminhada construiu suas percepções e se reconstruiu no processo, mas espero que ela seja uma semente para outras ações.

Assim, este trabalho escrito, através das orientações recebidas e das leituras feitas, me fez perceber a possibilidade de unir o formal com o informal, a tradição com a modernidade, a educação com a ação social. A proposta do projeto *Oficina Reconstruindo* era tornar possível

a formação de leitores, mas agora com o trabalho de conclusão é tornar possível a formação de mediadores para que estes formem ainda mais leitores.

REFERÊNCIAS

BATLLES, Matthew. *A conturbada História das bibliotecas*. Trad. João Virgílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. p. 9-27.

BELO, André. *História: Livro e leitura*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

CHARTIER, Roger. Bibliotecas sem muros. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Coleção Tempos*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1994. p. 67-90.

_____. *Práticas da leitura*. 2.ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. p.25-34.

ESCARPIT. *Hacia una sociologia del hecho literário*. Madrid: Edicusa, 1974. p. 221-242.

LINHARES, Edgar. *Leitura Formação de Mediadores*: Portal do Mec. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/edgar_linhares.pdf > Acesso em: 10/03/16.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. 3.ed. Cotia: Atêlie Editorial, 2013.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura Versus Arte). In: ANTELO, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luiza. Abralic. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998. p.11-23.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.